

Decolonialidade na EJA: um percurso de resistência

por Francine Machado de Mendonça

Trabalhar de forma decolonial na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um movimento a contrapelo – porque os estudantes voltam à escola depois de tanto tempo afastados, mas sentem saudade de aulas convencionais. Produzir encontros decoloniais com eles por sua vez é também contrariar o ensino que os afastou da escola – o que não deixa de ser também uma prática de resistência.

Em artes o panorama nas aulas em Santo André é que as turmas vão cobrar práticas de artes visuais ou esperar que eu explore artes manuais. Mas parte significativa dos nossos encontros é pautado no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. Construir essas aulas com o corpo todo, convocar os estudantes para que abandonem o pensamento sentado, provocá-los para que trabalhem em grupo, colaborativamente e improvisando é dos movimentos decoloniais educativos mais poéticos de se acompanhar. Pena que soframos muito com evasão estudantil e nesse contexto, preciso também ter cartas pedagógicas na manga.

Uma delas é a cultura popular. No começo dos semestres letivos partilho com eles fotos e histórias de minhas visitas em quilombos, festivais populares e eventos indígenas. Reescrevo com eles minha memória infanto-juvenil de estudar apenas a narrativa portuguesa e ao mesmo tempo de nunca me conformar com apenas isso, já que questionava onde estavam as versões daquela história que ficaram de fora dos livros.

Vários deles lembram cantigas e histórias, geralmente nordestinas, de suas famílias e regiões de origem. Demonstro para eles que o que conhecem tem espaço na minha matéria e é bem vindo em nossas aulas. Isso tem gerado mais auto estima neles, que posteriormente se envolvem nos encontros brincantes de aquecimento e viabilizado então que se entreguem mais nos jogos teatrais.

Ainda dentro das possibilidades com a cultura popular, levo e replico com eles a Curva da Vivência Griô, uma espécie de sequência didática com o objetivo de mobilizá-los afetivamente. Vivenciamos juntos cantigas populares, jogos de percussão corporal, jogos teatrais e danças populares – o que nos aquece aos poucos para os jogos de Boal.



*Festa. Fotografia por Associação Grãos de Luz e Griô, BA, 2023.
Cedida por Francine Machado de Mendonça*

